



MAL-ESTAR DOCENTE: O (DES) AMPARO COMO UMA ESCUTA DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Eixo Temático: 14 Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos
psicopedagógicos e psicossociais

1

Jane Patrícia Haddad – UTP

janepati@terra.com.br

Resumo

Este artigo faz parte de minha pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná e propõe uma reflexão a respeito do mal-estar docente, o (des) amparo como uma escuta diante da "indisciplina escolar". Procuo discorrer sobre o desamparo como uma (re) leitura da sua raiz amparo. Pretendo articular a Psicanálise e a Educação como uma forma de encontrar uma saída, ainda que nunca definitiva, do estado de (des) amparo (re) vivido na educação, atribuindo novos olhares que possibilitem uma escuta cuidadosa sobre as possíveis causas de tal desamparo e a conseqüente indisciplina escolar.

Palavras-Chave: Educação; mal-estar; (des) amparo; indisciplina escolar.

Resumen

Este artículo es parte de mi investigación de Mestrado en la educación en la universidad de Tuiuti del Paraná y considera una reflexión con respecto al mal estar de enseñanza, (DES) la ayuda como escuchar delante de "referente a indiscipline de la escuela". Busco al discurso en el abandono como una lectura (de la velocidad reversa) de su ayuda de la raíz. Me prepongo articular el

¹ Pedadoga e Psicanalista. Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu de Educação na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

sicoanálisis y la educación mientras que una forma para encontrar una salida, a pesar de nunca definitivo, del estado de la ayuda (DES) (velocidad reversa) vivió en la educación, atribuyendo las nuevas miradas que hacen posible escuchar cuidadoso en las causas posibles del abandono y del consiguiente referente a indisciplina de la escuela. Palabra-Llave: Educación; malestar; Ayuda (DES); referente a indisciplina de la escuela.

Palabra-Llave: Educación; malestar; Ayuda (DES); referente a indisciplina de la escuela.

Introdução

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o mal-estar docente, observando o (des)amparo como uma escuta diante da “indisciplina escolar”. A palavra “desamparo” deriva, em diversas línguas, da palavra “amparo”, por meio do acréscimo de um prefixo (como em português) ou de um sufixo (como no inglês - *helplessness*). Esse afixo, agregado à palavra base “amparo”, tem sempre o valor de negação, caracterizando a ausência de privação de amparo, o que nos leva à hipótese de que, no pensamento humano, pelo menos no momento inaugural das línguas em questão, o amparo antecede ao desamparo.

Segundo o dicionário Aurélio, o significado da palavra amparo é amparar; por algo a frente para proteger; dar, ou servir de amparo; proteger, dar meio de vida; sustentar para impedir de cair. E conforme o vocabulário de psicanálise de J. Laplanche e J. B. Pontalis,² o desamparo é trabalhado não como um termo único, mas como um “estado de desamparo”.

Em meu campo conceitual, vou interpretar o “desamparo” como um nome de “batismo” de algo que pertence ao mal-estar educacional contemporâneo e que, de alguma forma, não é conclusivo, mas sim o sintoma de uma educação em transição. Nesta, o “não saber” pode aparecer

² Esta significação de “desamparo” é analisada por Laplanche e Pontalis, na obra freudiana. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B., 1970.

como manifestações do inconsciente – inibições, formações defensivas, angústia, atos falhos, indisciplina escolar - como processo ou evento mental que implica uma “condição de desamparo” ou uma “situação de desamparo”, e isso abre uma possibilidade de escuta do mal-estar educacional, nos conduzindo a um território que vem sendo explorado, na medida em que as formulações teóricas de Freud vêm sendo sustentada como amparo ao mal-estar educacional. Para tanto, essa escuta precisa ser cuidadosa e pressupõe o uso de novas formas de perceber as antigas queixas no meio educacional.

No texto *O mal-estar na civilização*, Freud (1976, p. 84-85), com o propósito ainda de esclarecer a busca humana na obtenção de felicidade, destaca que o sofrimento, que ameaça o ser humano, poder advir de três possíveis direções: de seu próprio corpo, do mundo externo e de seus relacionamentos com outros homens, sendo esta última a forma mais penosa de todas. Segundo Freud, a felicidade é uma ilusão, já que não é possível obter apenas prazer e realização, há também o desprazer e o princípio da realidade.

Onde há pessoas, há conflitos e há a possibilidade do mal-estar. Na relação professor-aluno, o mal-estar vem sendo observado. Muitas vezes o professor reclama que o aluno o desafia, que dentro da sala não há entrosamento e concordância, e isso pode gerar um estado de “desamparo”, um sentimento de abandono.

A indisciplina escolar, nesse sentido, pode ser um sintoma decorrente do “desamparo” frente à relação professor-aluno?

É importante observar, também, que contamos com pactos sociais que são sustentados pela lei simbólica, criada pela possibilidade que o homem tem de usar a linguagem. Mas residem no homem, melhor dizendo, nesse contexto pedagógico, as determinações inconscientes que podem conduzir a uma força destrutiva que terão preferência sobre os pactos possíveis pela via da linguagem - nossa única forma de estabelecer laços com o outro. O enfraquecimento dos laços é uma consequência da evitação do mal-estar.

Certa vez, em uma reunião pedagógica, em uma instituição escolar particular em Belo Horizonte, onde atuava como coordenadora, observei, com um olhar atento, duas professoras que se diziam amigas e companheiras de trabalho há mais de quinze anos. Durante essa reunião, percebi que, após uma “discordância” pedagógica e profissional, duas profissionais transformaram-se em “inimigas” e passaram do amor à indiferença em trinta minutos - o diálogo e a compreensão acabaram ali. Aquele fato me chamou atenção para pensar: como falar e debater temas tão complexos como a inclusão escolar, se diante de uma discordância, excluo o colega que pensa diferente de mim? Como não se sentir desamparado diante dessa situação? O desamparo aparece como algo “insuportável para o sujeito”, uma situação de ausência de ajuda.³

Uma das professoras envolvidas no episódio narrado me procurou após a reunião e disse: “Éramos tão amigas, na hora que precisei dela, ela não me apoiou na reunião”. Essa fala retrata muito bem a ilusão de que o outro lhe dará tudo de que você precisa.

O desamparo no campo social foi chamado por Freud (1930/1980) de “mal-estar” (*unbehagen*), tendo em vista que a relação do sujeito com a cultura é permeada pelo antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização.

Aproximando mal-estar educacional e desamparo pode-se “compreender” que há uma ilusão no campo educacional de completude e entendimento entre professores e alunos. E é justamente esse mal-estar que vem colocando professores e alunos em movimento; é na insatisfação e na incompletude dessas relações (professor-aluno; professor-professor; aluno-aluno) que se funda o “sujeito desejante” que pressupõe a alteridade,

³ Curiosamente, a palavra *Hilflosigkeit*, traduzida na língua portuguesa por “desamparo”, significa “ausência de ajuda”, “não ter ajuda”, ou seja, não há mais ajuda possível, não tem mais a mãe nem o pai nem ninguém que proteja o indivíduo (Cf. Wahrig, *Deutsches Wörterbuch*). MENEZES, Lucianne Sant’Anna, 2005.

possibilitando um olhar mútuo, no qual cada um se posicionará para o aprimoramento dessas relações.

Retomando mais uma vez os conceitos freudianos, identificamos que é o desamparo primordial do sujeito que abrirá novos caminhos para o desejo na relação com o outro. O mal-estar é um incômodo essencialmente humano.

Não estaria aqui uma pista para o mal-estar educacional?

Minha hipótese é de que a “indisciplina escolar”, na atualidade, seria uma forma de expressão daquele aluno que tenta se amparar nas relações “interrompidas” com seus professores “desamparados”. Logo, esse mal-estar educacional nos convida a uma releitura do “desamparo” como um retorno “simbolicamente” ao desamparo original frente à “indisciplina escolar”. O trabalho com essa indisciplina solicita um olhar e uma escuta atenta desse aluno-sujeito, que trás uma história pessoal, muitas vezes, deixada do lado de fora da sala de aula.

Deve-se pensar aqui em uma ética que vai além da moral, além da relação do homem com a sua ação e com um ideal de conduta relacionado ao que se pode considerar o bem geral. Ela vai além do mandamento e do sentimento de obrigação. Seria a ética do desejo e não dos ideais da cultura que visam à harmonia e, até mesmo, à perfeição, que sabemos ser uma utopia, em se tratando de estabelecer normas na educação.

Pode-se pensar, então, que essa utopia aponta para uma responsabilidade de cada um para com seu desejo, mas não com uma realização que tenha relação com tudo que o imaginário possa produzir. Portanto, trata-se de uma ética de atitude reflexiva do sujeito em relação ao que faz, como faz e para o que faz, evitando assim os impasses e sofrimentos que surgem nas relações.

Desde cedo, pais e professores demandam que as crianças aprendam, em determinado tempo e espaço, que sejam bem sucedidas, tirem ótimas

notas e sejam as melhores. Mas isso vai além de uma obediência ou de um mandamento: pressupõe uma subjetividade, uma relação de significação particular que leve em conta o sujeito com a própria vida e com sua história.

Não há neutralidade no ato pedagógico. O verdadeiro professor se sente e se demonstra implicado ou não na aprendizagem e na educação dos seus alunos. Educar é tarefa difícil!

O que é Disciplina?

Relacionado à idéia de disciplina com a conotação predominante de ordem, define-se o conceito de indisciplina: “in” é um prefixo latino que designa negação e, portanto, indisciplina quer dizer falta de disciplina, ou, segundo Estrela (1994, p.15), “(...) desordem proveniente pela quebra das regras estabelecidas”.

Pode-se, logo, afirmar que, na acepção do termo, (in) disciplina está diretamente ligada à idéia de instruções, normas ou regras e a aplicação destas por determinada autoridade, que pode ser representada por instituições. No entanto, segundo Estrela (1994, p.15), “as regras e o tipo de obediência que elas postulam” são relativas a uma dada coletividade localizada historicamente e às formas e configurações sociais que nela existem.

A autora defende que não se pode falar em disciplina/indisciplina independente do contexto sócio-histórico em que ela ocorre. “Como toda educação visa à inserção do indivíduo em determinada sociedade, a disciplina social transforma-se num fim educativo de caráter mediato e a disciplina educativa assume o caráter de fim imediato e de meio de educação” (p. 31).

Em determinado momento de sua explanação, a autora cita Lobrot que defende que “a indisciplina será um fenômeno transitório e necessário. Será a desordem que precede a necessidade sentida da ordem e da organização. A autogestão permite a dialética do ‘instituinte’ e do ‘instituído’” (p.32). Em outra

corrente – a da clarificação dos valores – Estrela mostra que “a falta ou a indefinição de valores está na origem das situações conflituais que levam à indisciplina” (p. 32).

Pode-se pensar, assim, que o aluno valoriza o professor exigente, aquele que cobra participação e dedicação às tarefas.

Para a autora, o grupo se institui de forma involuntária, criando-se normas que poderão explicar a disciplina ou a indisciplina na aula. “A inadequação dos fins propostos ou a falta de motivação dos alunos podem originar situações de frustração e descontentamento que se expressam através da agressividade, da fuga ao trabalho ou da apatia” (p. 34). A solução está numa união de princípios e ações em que todos saem ganhando: alunos, professores e escola. O ato educativo tem como sustentação o pensamento de cada um e, principalmente, o desejo.

Segundo Cintia Copit Freller (2002), professora de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP, “A indisciplina é uma das maneiras que as crianças e os adolescentes têm de comunicar que algo não vai bem”, portanto, é necessário averiguar isso com mais cautela para descobrir o que “não vai bem” e por qual motivo.

A Escuta da Psicanálise

Cabe aqui uma reflexão no estilo psicanalítico já que a psicanálise vem se aprimorando, re-criando e reconstruindo seus aportes teóricos e técnicos, de forma a promover um redimensionamento em seu campo de atuação.

“Nas últimas décadas, para além dos consultórios, a psicanálise conquistou novos espaços como: hospitais, universidades, postos de saúde, centros de atenção psicossociais, clínicas e ambulatórios públicos e privados” (Pinheiro 2006, p. 34), alcançando as dimensões sustentadas por quem ousa buscar, sem concluir como uma certeza pronta e acabada. Nesse sentido,

podemos pensar a psicanálise como mais um meio de reflexão sobre a educação e suas relações.

Sobre a falta de motivação que vem aparecendo constantemente nos discursos pedagógicos, acredita-se que ninguém motiva ninguém e sim mobiliza o outro. Segundo Charlot, "O conceito de mobilização se refere à dinâmica interna, que traz a idéia de movimento e sentido". Sentido este que cabe aos professores colocarem em suas aulas, e isso poderá provocar a mobilização do aluno para envolver-se ou não nas aulas e sentir-se "motivado".

A mobilização é a mola propulsora para o desejo de colocar-se em movimento, de buscar algo que "falta" e que, possivelmente, jamais será satisfeito (mesmo que o aluno sinta-se motivado, o professor continuará "insatisfeito", querendo mais). Esse é o movimento necessário para que não aconteça paralisação no processo ensino-aprendizagem. Charlot (2000) destaca que o conceito de relação com o saber, pode ser ampliado de acordo com a rede de conceitos na qual se inscreve. Ressalta ainda que "o conceito de relação com o saber implica o de desejo: não há relação com o saber se não a de um sujeito, "desejante". (CHARLOT, 2000, p. 81). Dito de outra forma, não há aprendizagem; mobilização intelectual, sem que haja desejo. "o desejo do mundo, do outro e de si mesmo é que se torna desejo de aprender".

Diante do exposto, entendemos a relação com o saber, como parte de uma dinâmica internado movimento, em que "o desejo é a mola da mobilização", um movimento que tem a ver com a trama dos sentidos que o aluno vai dando às suas ações" (CHARLOT, 2000, p. 82). A esse movimento de apropriação podemos chamar de relação com o saber, e por tanto compreender o ato do ensino, legitimado em sua relação com a aprendizagem.

A psicanálise não ensina e nem fornece "receitas" sobre o sentido da motivação/desmotivação, desamparo/amparo, disciplina/indisciplina, porém ela instiga a não acomodação diante do mal-estar educacional.

Diante do “desamparo” e “indisciplina escolar”, como sintomas presentes na educação, cabe, por meio de uma escuta e de uma voz que se faça ser escutado, (re) significar a escolha do sujeito professor. O momento é de escolha, reconhecer-se ou não como professor um caminho do auto-reconhecimentos, ser professor, um sentimento de pertença.

Escolher entre isto ou aquilo é responsabilizar-se pelo resultado. Alunos e professores sentem-se mobilizados?

A Educação marcada pelo mal-estar e o desamparo pode ser um marco de transição, um momento de travessia, de passagem da queixa à responsabilidade; da indiferença à acolhida; da motivação à mobilização, co compor ao propor. Uma educação que permite passar do mal estar ao bem estar, cultivando o maior entendimento do desenvolvimento humano: não há um aluno padrão e nem um professor ideal. Aceitar as diversidades que ultrapassem discursos vazios como: “educação para todos”, quem são todos?

Pessoas e situações diferentes requerem olhares e intervenções diferentes.

Aquino (1996, p. 50) defende que a saída para a indisciplina está nos vínculos cotidianos entre professores e alunos. “Se o professor pautar os parâmetros relacionais no seu campo de conhecimento, ele certamente será capaz de (re) inventar a moralidade discente” (AQUINO, 1996, p. 51). O trabalho do conhecimento deve ser um trabalho que gere inquietação, desconcerto, desobediência. O professor deve, então, transformar essa turbulência em pesquisa, em praticas criativas que contemplem esse aluno, que vejam essa desordem como uma possibilidade de “nova ordem”. E aceitar que não há um único saber em um mundo que é marcado por transformações, tecnologias, sentimentos e autenticidade.

O trabalho da educação, portanto, não é só transmissão de informações, mas de (re)invenção do modo de adquiri-las e conectá-las. Para isso, o aluno precisa utilizar o pensamento lógico, o que pressupõe que o “barulho, a

agitação, a movimentação dos seus corpos, o falar de seus sentimentos, o jogo e a mobilização, passam a serem instrumentos catalisadores do ato de conhecer, de tal sorte que a indisciplina pode se tornar, paradoxalmente, um movimento organizado, se estruturado em torno de determinadas idéias, conceitos, proposições formais” (AQUINO, 1996, p. 53).

O silêncio é sinal de disciplina?

Ser bom aluno é permanecer quieto apático e tirar nota máxima nas provas? Fazer cálculos de cabeça, falar o que o professor quer escutar? Isso, aparentemente, a chamada disciplina? Em minhas observações, ainda que empiricamente, é fazer a manutenção daquilo que a sociedade e a instituição escolar normalizaram como conceitos de bom aluno, disciplinado e promissor, um aluno que será alguém amanhã.

Um silêncio que muitas vezes abafa um sujeito criativo, com desejos reais em tempo real, mas, por algum motivo esse aluno é convidado a sentar-se, concentra-se no aqui e agora da aula, para que amanhã ele possa ser alguém na vida. Não estaríamos aqui produzindo “indisciplinados” já que os impedimos de fazer algo que desejam? Buscar sentido em estar ali é um desejo.

Entretanto, ninguém, ou seja, nenhum aluno nasce sabendo o que é certo ou errado, mas sim aprende, os recebe de seus pais, avós os ideais de nossa cultura que, na maioria das vezes, contraria seus desejos individuais. Como uma criança não assimilou ainda a moral vigente em uma cultura, ela faz suas próprias teorias a respeito de tudo; pensa sobre a vida; pergunta-se sobre tudo e, quando não encontra resposta precisa, inventa, até como forma de sobrevivência

Assim, deve-se levar em conta que toda criança é um pequeno pensador, que cria seu mundo de acordo com o que lhe satisfaz. Suas teorias,

porém, são contrariadas pela realidade que impera num ambiente pedagógico, levando-as, assim, primeiro a apreenderem sobre si, para “poderem” apropriar-se do mundo e, conseqüentemente, do certo e do errado, do bem e do mal, segundo o que é imposto pela cultura predominante. Ainda pior do que o barulho bagunça e conversa paralela é o silencio daqueles “indisciplinados” que não falam, mas em algum momento

O mal-estar educacional pode começar a ser (re) pensado a partir de como os professores se relacionam entre si; como trabalham uns com os outros; de que forma se dirigem aos alunos. Se a indisciplina produz efeitos negativos em relação à socialização e aproveitamento escolar dos alunos, ela produz igualmente efeitos negativos em relação aos docentes. Embora menos evidentes e imediatos esses efeitos não são menos nocivos, pois a indisciplina constitui, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola de hoje enfrenta em todos os países industrializados (ESTRELA, 1994, p.97).

A indisciplina não é endereçada

A indisciplina dos alunos, na visão dos professores, passa pelo endereçamento pessoal, ou seja, eles tomam a agressão para si, como se fosse direcionada, conscientemente, para a pessoa do professor. Esse é o começo de um grande equívoco educacional, desencadeando, muitas vezes, o desentendimento com aqueles alunos conhecidos como “indisciplinados”.

Cabe ao docente buscar novas formas de entender esse desamparo que o cerca, pensar que isso pode servir como um meio de impulsionar a reflexão sobre o “fazer educação” de forma diferenciada. Não basta dominar os instrumentos pedagógicos certos para cada situação, é preciso lembrar que a escola é composta por seres humanos. É preciso aceitar a nossa corresponsabilidade, é necessário sair do lugar de queixas e lamúrias de uma

educação desacreditada e tomada pelo mal-estar, para, então, fazer emergir a educação do desejo.

Mas como conseguir superar o mal-estar que rodeia a educação se não conseguimos, antes, trabalhar o sentimento de mal-estar de cada um de nós?

Considerações finais

É importante pensar no mal-estar, no desamparo docente e na indisciplina escolar como meios que estimulam a abertura de um caminho para a reflexão e interlocução, onde o próprio termo “interlocução” remete a uma idéia de discurso inacabado, um movimento de ir e vir que nos convoca a restabelecer novos vínculos sociais e diferentes formas de superar o não saber, criando, assim, novos dispositivos de (re) ler o mal-estar educacional, buscando subsídios para compreender melhor a questão da indisciplina escolar, que um sintoma desse mal-estar vivido na educação.

A maneira como essa temática do mal-estar educacional e suas conseqüências vem sendo tratada, em várias esferas, nos sugere uma possível “surdez” e “cegueira” diante da forma como a educação vem se apresentando, muitas vezes buscando culpados em vez de criar espaços para a fala e a escuta como prevenção desse mal-estar não intencional, e que pode haver aí um “grito de rebeldia” como pedido de “ajuda” por parte do aluno e do professor.

Há uma urgência na educação, é preciso que professores se arrisquem fazendo a passagem do desamparo para o amparo primordial para que o aluno-sujeito se arrisque a enxergar um sentido no processo ensino-aprendizagem e se lance de um amparo inseguro e pouco confiável, para um amparo mais seguro e confiável.

O professor é quem poderá mediar essa passagem, esse salto no abismo da chamada “indisciplina escolar” - o medo escondido no desamparo.

Essa é a minha proposta e é o que instiga a minha pesquisa como aluna do Mestrado em Educação na Universidade do Tuiuti no Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. Groppa. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ESTRELA, Maria Teresa. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Portugal: Porto, 1994.

FRELLER, Cintia Copit. *Histórias de Indisciplina Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FREUD, A. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]). Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v.21.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1970.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna. "Pânico e desamparo na atualidade" *Ágora*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 2, p. 196-197, jul/dez 2005.

PINHEIRO, Nadja Nara B. "Visibilidade, transitoriedade e complexidade: a clínica psicanalítica no ambulatório hospitalar". *Reverso*, Belo Horizonte, v. 28, n. 53, p.33-42, set. 2006.
